

# Copiar, colar e deletar: a Internet e a atualidade da semiformação<sup>1</sup>

Antônio A.S. Zuin\*

## Resumo

Na chamada sociedade da revolução microeletrônica, é possível acessar e conservar indefinidamente as informações e as imagens produzidas, no cotidiano, pelos meios de comunicação de massa. Com efeito, a memória digital permite contactar os dados numa velocidade cada vez mais estonteante. Mas que implicações poderiam ser observadas na esfera educacional em decorrência desse fato? O acesso a tais informações e às imagens realizaria o que Theodor W. Adorno denominou como formação cultural? Diante de tal contexto, insere-se o objetivo deste artigo: refletir sobre a atualidade do conceito de semiformação, tal como foi elaborado por Adorno em meados do século 20, na sociedade cujo acesso às informações e às imagens é principalmente feito por meio da chamada “distração concentrada”.

## Palavras-chave

Distração concentrada; semiformação; internet; indústria cultural; Theodor W. Adorno.

\* Departamento de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. [dazu@ufscar.br](mailto:dazu@ufscar.br)

**1.** Pesquisa financiada com apoio do CNPq – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa.

# ***Copy, paste and delete: the internet and the concept of “semiformation” nowadays***

## ***Abstract***

*In the so-called society of the microelectronic revolution it is possible to access and maintain indefinitely information and images produced daily by the mass media. In fact, the digital memory allows contacting data in an increasingly fast speed. But what implications could be noticed within the educational dimension due to this fact? Could the access to this kind of information and these images result in the cultural formation, as named by Theodor W. Adorno? Within this context, the aim of this article is to reflect on how contemporary the concept of semiformation is, as elaborated by Adorno in the middle of the twentieth century, in a society whose way of information and images access is mainly made by the so-called concentrated distraction.*

## ***Keywords***

*Concentrated distraction; semiformation; internet; cultural industry; Theodor W. Adorno.*

## Introdução

O texto de Theodor W. Adorno, *Theorie der Halbbildung*, traduzido para a língua portuguesa como *Teoria da semiformação*, já em 1959 provocava o leitor com a constatação de que as reformas pedagógicas, por mais que tivessem as melhores intenções, não seriam capazes de promover, por si sós, contribuições definitivas para a resolução de problemas da esfera educacional. E mais: essas reformas poderiam engendrar justamente o efeito inverso, uma vez que revelariam “uma inocente despreocupação diante do poder que a realidade pedagógica exerce” (Adorno, 2010, p. 8).

Evidentemente, essa despreocupação não seria tão inocente. Tamanha autarquia dos conceitos pedagógicos poderia muito bem reforçar as desigualdades educacionais, ao atribuir, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem de conteúdos exclusivamente a possíveis disfunções cognitivas, desconsiderando, assim, a relação entre as histórias de vida dos alunos, as suas condições materiais de aprendizagem e as características de seu contexto sociocultural.

Quando a aspiração de autonomia de tais reformas pedagógicas é identificada como produto da formação cultural que se julga acima da sociedade que a concebeu, destaca-se, como contraponto dialético, a forma como Adorno observou esse duplo caráter do processo formativo. Se, por um lado, ele criticou a veleidade da formação cultural de se apartar das condições materiais, na medida em que tal separação representaria um apoio à ideologia da independência do espírito diante dessas condições, o próprio pensador frankfurtiano, por outro lado, objetou que a formação “foi entendida como conformar-se à vida real, pois destacou unilateralmente o momento da adaptação, e impediu assim que os homens se educassem uns aos outros” (Adorno, 2010, p.11).

Em razão do volume de informações absorvidas cotidianamente, por meio do uso das denominadas novas tecnologias, parece não haver tempo, e nem mesmo interesse, sobre o modo como esse duplo caráter da formação cultural é determinado por antagonismos sociais que não podem ser absolutamente resolvidos na esfera do espírito. Nos tempos atuais, trata-se de outra velocidade, quando o assunto converge para a forma como se reflete a respeito dos conteúdos acessados por meio da infinidade de *links*, de ligações. É fascinante a oportunidade de se utilizar um comando de busca dos editores de texto e se deparar com a quantidade de vezes que Freud mencionou o conceito de narcisismo em suas obras completamente digitalizadas. Assim, torna-se possível verificar a trajetória do pensamento freudiano desde a primeira até

a última vez que tal conceito foi mencionado em suas obras completas, contidas num *pen-drive* de quatro centímetros.

Porém, o mero acesso a essa palavra-chave não significa, necessariamente, que quem assim procede refletirá a respeito do modo como o narcisismo se propaga numa espécie de lastro de sobrevivência psíquica na sociedade de relações e imagens cada vez mais espetaculares. Diante de tal contexto, insere-se o objetivo deste artigo: refletir sobre a atualidade do conceito de semiformação elaborado por Adorno em meados do século 20, na sociedade atual, cuja forma de acesso aos conteúdos das informações é hegemonicamente feita por meio da chamada “distração concentrada”, que foi definida por Christoph Türcke da seguinte forma:

De modo fulminante, o choque (audiovisual) concentra a atenção num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições. O meio de concentração é, propriamente, o meio de decomposição [...] A tela, o grande recheio do tempo livre, penetrou profundamente, por meio do computador, no mundo do trabalho; a coordenação de processos inteiros de produção e administração perpassa por ela, de tal modo que se apresenta como o ensino do futuro (Türcke, 2010, p. 266-267).

## Formação cultural, vergonha prometeica e memória digital

No livro de instigante título *Delete: a virtude do esquecer na era digital*, Viktor Mayer-Schönberger apresenta dois exemplos que caracterizam o espírito de um tempo, de uma cultura. Trata-se dos casos de Stacy Snyder e Andrew Feldmar. Snyder sempre desejou trabalhar como professora, mas, apesar de ter sido aprovada em todas as disciplinas e estágios próprios à carreira docente, foi impedida, pelas instâncias máximas de sua universidade, de receber o diploma de conclusão de curso. O fato é que, em 2006, ela postara na página de seu *MySpace* – um sítio de compartilhamento de opiniões e vídeos – uma foto sua fantasiada de pirata, com um copo de plástico na mão, intitulada: “Pirata bêbada”. Dirigentes de sua universidade tiveram acesso a essa foto na Internet, discutiram o caso e decidiram que a imagem não seria compatível com a de uma futura professora e, assim, negaram-lhe o diploma.

Com Andrew Feldmar, um psicólogo canadense, com cerca de 60 anos, ocorreu o seguinte: em 2006 ele foi receber um amigo no aeroporto internacional Seattle-Tacoma, nos Estados Unidos da América. Feldmar já havia cruzado a fronteira dezenas de vezes, só que aquela vez foi diferente das demais, pois um guarda descobriu, por

meio da Internet, que Feldmar fora pego, em 1960, portando LSD. O psicólogo foi interrogado por quatro horas, teve as impressões digitais registradas, assinou um documento no qual admitia que havia portado consigo LSD, cinco décadas atrás, e foi impedido de entrar em solo estadunidense não só naquele momento, como também em ocasiões futuras (Schönberger, 2009, p. 1-4).

No Brasil, em 2009, uma professora de uma escola de Ensino Fundamental foi demitida após a divulgação de um vídeo na Internet no qual ela dançava a coreografia de uma música de pagode. Além de ser sido exonerada do emprego, teve que se mudar de endereço após ter sofrido ameaças de moradores de seu bairro (Araújo, 2009). O vídeo teve mais de 100 mil acessos no *You Tube*.

Esses três casos têm em comum o fato de que as informações e as imagens são impossíveis de ser esquecidas, pois foram postadas e compartilhadas no espaço virtual.

A palavra virtual porta certa ambiguidade, pois, etimologicamente, concerne a algo que existe como possibilidade, como potência e não como realidade. Mas essas três pessoas sentiram, na própria pele, a ausência do controle de quando e como suas imagens foram e serão postadas e divulgadas na Internet, sendo esse um princípio que se aplica, atualmente, de forma universal. Por meio de uma combinação de *logins*, *cookies* e endereços de *IP (Internet Protocol)*, o Google é capaz de localizar, com acurada precisão, a identidade de qualquer indivíduo (Schönberger, 2009, p. 6). Os números crescem numa escala de progressão geométrica: em 2007, calculava-se que o Google armazenava cerca de 30 bilhões de acessos por mês. Somente no Reino Unido, em 2009, havia quatro milhões e duzentas mil câmeras instaladas em lugares públicos que permitiam monitorar e gravar imagens 24 horas por dia.

O poder da memória digital recrudescer na mesma proporção em que se desenvolve a nanotecnologia que armazena informações em *chips* orgânicos. Diante do ritmo de desenvolvimento da nanotecnologia, pesquisadores se preocupam com as implicações dessa tecnologia, inclusive em relação aos currículos escolares. (Schank; Krajcik; Yunker, 2007, p. 277). Recentemente, cientistas da universidade de Copenhague anunciaram a criação de um *chip* de uma molécula orgânica do tamanho da bilionésima parte de um metro (Silva, 2012). A criação de computadores orgânicos permite uma fusão incrivelmente sedutora de orgânico e inorgânico. Em tempos nos quais proliferam não apenas os computadores orgânicos, como também as pernas e os braços biônicos que substituem a frágil carne humana, o ser humano se converte em máquina de uma forma imaginada apenas nos romances de ficção científica.

Talvez o próprio Descartes (1973, p. 227) se espantasse como sua comparação do funcionamento do corpo humano com uma máquina perfeita perderia seu conteúdo metafórico, sobretudo na sociedade na qual o ser humano se envergonha de sua debilidade carnal diante da força portentosa das máquinas. Ao conceber o conceito de vergonha prometeica, Günther Anders (2002, p. 23) aludiu ao mito de Prometeu, que foi punido pelos deuses por ter dado aos seres humanos o conhecimento da técnica de produção do fogo. Milênios depois, os seres humanos se transformaram numa espécie de *deus ex-machina*, justamente porque, por meio do uso de seus aparatos tecnológicos, podem voar como os pássaros ou respirar na água como os peixes, por exemplo. Mas ocorre um paradoxo nesse tipo de divinização humana: se os seres humanos se tornam verdadeiros deuses por meio da incorporação literal de tal tecnologia, concomitantemente eles se envergonham de sua debilidade física e mental diante da força e da durabilidade das máquinas.

A vergonha, decorrente das próprias fraquezas e das limitações do corpo humano, só aumentou na sociedade do século 20, na qual a tecnologia passou de *modus operandi* à condição de *modus vivendi*. Ou seja, ela não pode mais se restringir a uma somatória de técnicas, pois o modo como as relações de produção e as forças produtivas se desenvolvem a transformou numa forma de produção da vida, uma vez que reconfigura tecnologicamente as identidades humanas nas suas mais recônditas formas de manifestação. E se a vergonha, como sentimento moral, poderia impulsionar o indivíduo para que realizasse sua autocrítica, ocorre, majoritariamente, o movimento inverso, pois a comparação de sua falibilidade com a poder da máquina faz com que ele queira, narcísica e onipotentemente, assemelhar-se ao ritmo de produção maquinal. Na sociedade atual, cuja separação entre trabalho e tempo livre se esvaece na mesma velocidade com a qual os aparelhos tecnológicos “conectam” as pessoas em quaisquer localidades e tempos, viver na cadência maquinal deixa de ser exclusivamente uma opção de vida para se metamorfosear numa condição de sobrevivência.

Porém, por mais que tal desejo de onipotência narcísica seja cotidianamente turbinado pelas propagandas da atual indústria cultural, que associam a libido às máquinas, essas mesmas máquinas são, na verdade, produtos de relações humanas, mesmo diante da ideologia que se nutre da reificação de que elas são sujeitos e não objetos dessas relações. A humilhação que as três pessoas sentiram,

na medida em que suas imagens e informações foram sumariamente expostas, há pouco tempo e que podem ser acessadas, pela Internet *em qualquer tempo e lugar*, relembra a constatação de Nietzsche de que a memória provém da dor:

[...] talvez nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que sua mnemotécnica. “Grava-se algo a fogo para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra”. (Nietzsche, 1998, p. 50, grifo do autor.).

O alcance real dos problemas decorrentes da exposição de tais informações e imagens é difícil de se prever com precisão absoluta. No caso específico do psicólogo canadense de 60 anos, impressiona o fato de que uma informação sobre algo que ocorreu há cinco décadas determinou a possibilidade de ele poder ou não entrar num país, no caso, os EUA. É como se esse acontecimento desabonador tivesse se transformado numa espécie de tempo presente que se perpetua *ad aeternum*. É como se a tecnologia virtual, ao etiquetá-lo como usuário de drogas por toda a vida, não mais permitisse que ele tivesse outras identidades. Mas tal conclusão indica o quanto é sedutora a tentação de caracterizar reificadamente a própria tecnologia que, dessa forma, aparenta adquirir determinada ontologia que a descaracteriza como produto das relações humanas que é. É essa mesma tecnologia que, ao ser utilizada com o propósito de arrefecer tanto o cansaço humano – escopo esse presente desde suas origens –, quanto as injustiças sociais, pode fazer com que a memória digital seja empregada para um tipo de compartilhamento de informações, de modo que não prevaleça uma relação coisificada entre os indivíduos.

É notória a importância que os meios de comunicação de massa tiveram e têm para o desenvolvimento da memória socialmente compartilhada. Para citar alguns acontecimentos históricos, pode-se asseverar que a reforma protestante dificilmente progrediria, caso não tivesse sido impulsionada pela imprensa. Posteriormente à reforma, nota-se como a difusão em massa dos jornais e dos livros contribuiu decisivamente para a modificação da relação espaço-temporal vigente entre as pessoas, pois o consumo de tais informações possibilitou aos leitores comparar os acontecimentos locais com os do exterior, fazendo com que o senso geográfico se desenvolvesse no sentido da afirmação das nações. Já em relação ao tempo, a memória socialmente

compartilhada, mediante o uso de tais meios de comunicação, fez com que o acesso às informações do passado não mais se limitasse a um grupo de iniciados. Tal compartilhamento da memória se tornou decisivo para a realização das mudanças estruturais na esfera pública, na expressão de Habermas (1984) e, por que não dizer, para a formação de uma consciência identitária pública, de uma noção universal de cidadania. No final do século 18, período no qual as aspirações de uma sociedade formada por indivíduos que estariam em franco processo de emancipação da condição de seres tutelados, sobretudo pelos mandos e desmandos da Igreja (Kant, 2005), a formação cultural se transformava no lastro subjetivo do processo de universalização da condição de ser cidadão. De acordo com as palavras de Adorno (2010, p. 13),

A formação devia ser aquela que dissesse respeito – de uma maneira pura como seu próprio espírito – ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido fosse o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com uma práxis ulterior apresentou-se como degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida *bellum omnium contra omnes*.

Mas essa guerra de todos contra todos foi também dissimulada pela ideologia de que o acesso a esses produtos culturais possibilitaria, por si só, a existência da consciência que faz a sua autocrítica, a ponto de considerar que a sublimação dos impulsos, como condição de coexistência social, seria algo respeitado e aceito por todos os indivíduos que comporiam a tessitura social.

Porém, na medida em que o modo de produção capitalista demonstrava que sua sobrevivência e seu desenvolvimento se nutririam das desigualdades e da injustiça sociais, gradativamente a formação cultural se converteu naquilo que Adorno denominou como “semiformação cultural”, ou seja, o “espírito conquistado pelo caráter do fetiche da mercadoria” (Adorno, 2010, p. 25). No próximo tópico, será analisada a forma como esse processo de danificação da experiência (*Erfahrung*) formativa se atualiza por meio do desenvolvimento das novas tecnologias, as quais produzem a chamada “distração concentrada”.



## Semiformação, memória fragmentada e distração concentrada

A semiformação, compreendida como a conquista do espírito pelo caráter do fetiche da mercadoria, espalhou-se com a mesma amplitude pela qual os produtos culturais cada vez mais se transformaram em bens culturais. Tal como qualquer outra mercadoria, a realização do valor, na forma da troca, tornou-se hegemônica em relação ao chamado valor de uso da mercadoria cultural. Em outros termos, isso significou que a força da produção cultural – como impulsionadora do movimento do espírito que aspirava, por meio da literatura, da música e da filosofia, a uma relação não conflituosa entre desejo e sociedade – arrefeceu-se na mesma proporção em que a aparência de cultura<sup>1</sup> predominou na forma da compra e venda de produtos que identificariam seus consumidores como indivíduos “cultos”.

Em muitas ocasiões, o indivíduo semiformado diz de si mesmo que não se aprofundou num determinado assunto porque não teve o tempo necessário para tal. Nessa justificativa, apresenta-se a razão pela qual Adorno cunhou a expressão semiformação (*Halbbildung*): trata-se da formação que se apresenta como já concluída, mas que, na verdade, encontra-se radicalmente danificada desde a sua origem. Sua falsidade é dissimulada por meio da aparência de domínio de determinado conteúdo cultural, “domínio” esse que, antes de tudo, tem a serventia de alimentar narcisicamente tanto a jactância daquele que se considera culto, quanto o seu sentimento de onipotência. O próprio Adorno ilustrou as nuances da semiformação com o livro *Great symphonies*, publicado por Sigmund Speath em 1936. Para que alguém pudesse ser identificado como culto, era necessário o pronto reconhecimento das referências de uma determinada sinfonia. Tal como o cão de Pavlov, o indivíduo rapidamente se lembrava de tais dados, pois havia anteriormente associado o som da sinfonia a palavras e a frases colocadas com o propósito de justamente facilitar tal memorização (Adorno, 2010, p. 30)

Esse exemplo tem o mérito de identificar como predomina o caráter de fetiche da mercadoria cultural nas mais variadas relações e situações. Mas há outro elemento que precisa ser destacado: a relação entre formação cultural e memória. Aquele propósito da formação cultural, cujos primórdios podem ser identificados no anelo socrático-platônico, de que decorar<sup>2</sup> algum conteúdo significava

**2.** Aparência de cultura é uma paráfrase da expressão “aparência de moralidade”, utilizada por Kant (1986, p. 19), ao identificar a soberania de tal aparência, ao invés da própria moralidade, nos costumes ditos civilizados da cultivada sociedade europeia do século 18.

**3.** George Steiner destaca, poeticamente, essa aspiração socrático-platônica da seguinte forma: “Num sentido mais simples, o que sabemos de cor (no coração) amadurecerá e se desdobrará dentro de nós. O texto memorizado interage com nossa experiência temporal, modificando nossas experiências, sendo dialeticamente modificados por elas” (Steiner, 2005, p. 46).

se religar afetivamente com a essência anímica dos conceitos (Platão, 2004, p. 120), dissipa-se na sociedade na qual a nona sinfonia de Beethoven se metamorfoseia numa grife capaz de identificar seu comprador como alguém que se preocupa com a cultura. Atualmente, as notícias dos quadros de Picasso chamam mais a atenção, nos noticiários televisivos, pela quantidade de milhões de dólares que um de seus quadros arrebatou num leilão qualquer, do que por aquilo que representou tal quadro tanto para a vida de Picasso, quanto para a história das artes plásticas.

Não por acaso, Adorno vinculou a semiformação com a fraqueza em relação ao tempo e à memória. Foi também esse pensador frankfurtiano que identificou a memória como a “única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos” (Adorno, 2010, p. 33). Evidentemente, esses tempos não são os de hoje, nos quais prevalece a erosão do senso de continuidade histórica, para usar a expressão de Christopher Lasch (1979, p. 68). Justamente essa erosão engendra consequências prejudiciais no processo de formação cultural, na medida em que tanto a temporalidade quanto a continuidade que sustentam a elaboração dos conhecimentos são esfaceladas pois, quando a semiformação se torna hegemônica, ocorre o seguinte:

A experiência – a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição no indivíduo – fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. Em lugar do *temps durée*, conexão de um viver em si relativamente uníssono que desemboca no julgamento, coloca-se um “É assim” sem julgamento, algo parecido à fala dos viajantes que, do trem, dão nomes a todos os lugares pelos quais passam como um raio [...] (Adorno, 2010, p. 33, grifo do autor).

A alusão de Adorno ao tempo durável, expressão tão cara a Bergson, refere-se à possibilidade de que o indivíduo viva o tempo presente relacionado à memória do passado e à antecipação do futuro. A permanência daquilo que está por vir, ou seja, a possibilidade de elaboração de outras identidades, persiste na consciência porque há um lastro mnemônico passado que habilita o indivíduo do presente a projetar seu futuro de diferentes maneiras. Benjamin expressou poeticamente essa relação tem-

poral da seguinte forma: “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro de ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” (Benjamim, 1985, p. 223).

Essa continuidade histórica é rompida pela indústria cultural, cujo consumo de seus produtos impinge a necessidade de que prevaleça esse estado informativo “pontual, desconectado intercambiável e efêmero”. Também as chamadas mercadorias culturais se intercambiam num ritmo tão alucinante que se torna cada vez mais difícil ter a sensação de que já existiram, de tão efêmeras e fugazes que são, ou melhor, que foram. Foi por isso que Adorno relacionou, tal como anteriormente destacou, a semiformação com a fraqueza em relação ao tempo e à destruição da memória.

Mas, nesse momento, surge a seguinte questão: se Viktor Mayer-Schönberger estiver correto na sua análise de que as novas tecnologias turbinam a força da memória digital, a ponto de nenhuma informação ou imagem ser mais esquecida, isso significaria o fim da semiformação compreendida como destruição da memória? Antes de se elaborar uma resposta a esse pergunta, faz-se necessário aprofundar a investigação do argumento de Schönberger sobre o modo como o desenvolvimento tecnológico determina modificações estruturais não só nas novas técnicas que surgem, como também na forma como se constitui a atual percepção da relação espaço-temporal.

De acordo com Schönberger, há uma diferença qualitativa decisiva quando são comparadas as informações obtidas por meio da produção e reprodução analógica e da digital. Para esse autor, na chamada era analógica, a qualidade das imagens e dos sons se danificava à medida que as cópias eram reproduzidas, tal como ocorria quando as denominadas “fitas cassete” eram gravadas em sequência, por exemplo. Já na era digital, sons são digitalizados por meio da medição da frequência e da amplitude milhares de vezes em cada segundo. Cada uma dessas amostras representa o som num momento particular no tempo. Quando as amostras são reagrupadas umas às outras na frequência correta, há a reprodução absolutamente similar ao som original.

É interessante observar como esse desenvolvimento tecnológico acarreta transformações que transcendem a dimensão da técnica, originando um questionamento filosófico-educacional. Para Schönberger, na era digital há uma progressiva diminuição da noção de origem, haja vista o fato de que uma mesma informação ou imagem pode ser indefinidamente produzida, sem que haja perda da qualidade original, de tal modo que não há mais como se distinguir a cópia do produto autêntico. Portanto,

tanto a noção de autenticidade, quanto a de origem são abaladas pela produção e reprodução das presentes informações, sons e imagem que se perpetuam *ad aeternum*. É no contexto da denominada revolução microeletrônica que se intensifica cada vez mais a convergência digital de várias mídias, que a bricolagem se torna a palavra de ordem da produção e da reprodução de conteúdos informacionais.

Na Internet, a criação de comunidades virtuais baseadas nas trocas de informações mútuas, tal como no caso do *You Tube*, faculta não apenas o acesso a determinadas informações digitalizadas, como também o compartilhamento delas. E isso ocorre, em muitas ocasiões, independentemente dos desejos e dos interesses pessoais daqueles cujas imagens e informações são cambiadas, haja vista os três casos anteriormente destacados. O fato é que o controle da atual tecnologia digital permite que as informações imagéticas e sonoras possam ser recuperadas e recombinadas, independentemente de seus pontos de origem. A recuperação e a recombinação de tais elementos, ou seja, essa bricolagem que se origina do desenvolvimento tecnológico se aparta significativamente de seus pontos originais. Não por acaso, atualmente se discute a quantidade de textos acadêmicos que são plagiados de outros autores e, até mesmo, dos autores que se autoplagam. O autoplágio acontece quando tais autores copiam a estrutura de determinado trabalho de sua autoria e colam essa mesma estrutura num outro trabalho que, num olhar mais preciso, diferencia-se do trabalho original da mesma forma como as cópias dos chamados DVDs piratas se distinguem da matriz de origem.

A manutenção infinita de tais imagens, sons e informações, que debilita sobremaneira a capacidade de esquecer, de acordo com a análise de Schönberger, associa-se às pessoas que são representadas, de tal maneira que seus comportamentos são avaliados conforme as imagens que as representam, não importando se tais pessoas se modificaram, tanto física, quanto psiquicamente, com o passar do tempo. Nesse caso, há um significativo reforço à descontextualização de tais informações, fazendo com que se desenvolva um terreno profícuo para vicejar o preconceito e o pensamento estereotipado.

É nesse sentido que Schönberger, inspirado no panóptico, de Bentham, cunhou o conceito de panóptico temporal. Certamente, a quantidade incomensurável de câmeras que captam imagens nas cidades de todo o planeta, ou então as imagens que são continuamente postadas no *You Tube*, ou as informações que são gravadas e armazenadas nos computadores do *Google* ou do *Yahoo*, podem ser utilizadas de acor-

do com os mais variados propósitos. Mas a própria utilização em qualquer período temporal faz com que muitos comportamentos sejam modificados aqui e agora. Seguindo essa linha de raciocínio, Schönberger apresenta o seguinte questionamento: as crianças se expressarão de forma sincera em textos *on-line* escolares, caso percebam que determinadas informações poderão prejudicar suas futuras carreiras, já que tais dados poderão ser acessados por qualquer pessoa num futuro não tão distante? (Schönberger, 2009, p. 111). Contudo, são essas mesmas crianças que copiam e colam informações de sítios da Internet e entregam trabalhos, sem que sequer tenham feito o mínimo esforço de reflexão e de elaboração das frases, sendo que isso ocorre, muitas vezes, diante do olhar complacente de seus professores. Eles já perceberam muito bem as “vantagens” escolares da realização desse tipo de bricolagem.

De todo modo, o panóptico temporal pode, sim, suscitar o pavor paranoico de se sentir observado e julgado não só no tempo presente, como também no futuro. É nesse sentido que Schönberger defende a importância da recuperação da capacidade humana de esquecer. Segundo esse autor, o esquecimento é fundamental para que a mente humana possa ser exercitada no sentido de se fixar em determinadas tendências, preferências e opções, em detrimento de outras que não são mais lembradas. Ou seja, quando se esquece, é recuperada a capacidade de abstrair determinadas informações e, portanto, de agir de forma a perdoar comportamentos que foram imperdoáveis no passado, mas que, com o passar do tempo, deixaram de ter tanta relevância.

No que diz respeito à esfera educacional, a incapacidade de perdoar pode muito bem enveredar para a reprodução do ressentimento que alimenta, em muitas ocasiões, o ódio presente entre alunos e professores. O ressentido é incapaz de esquecer. Para Maria Rita Kehl, “O ressentido é um escravo de sua impossibilidade de esquecer [...] Mas, no ressentimento, a dívida permanece impagável: a compensação reivindicada é da ordem de uma vingança projetada no futuro”. (Kehl, 2004, p. 91). Se o indivíduo ressentido é caracterizado dessa forma, o que dizer de uma sociedade cujas forças produtivas, notadamente as de ordem tecnológica, promovem uma situação de impossibilidade do esquecimento?

Adorno não se furtou a responder a essa questão, mesmo que num outro contexto. No artigo: “O que significa elaborar o passado”, o pensador frankfurtiano, ao refletir sobre a relevância de elaborar o passado, justamente para que Auschwitz não se repetisse, reconheceu não ser tarefa fácil a de falar sobre as razões do nazismo na

Alemanha, sobretudo porque em “casa de carrasco não se deve lembrar a força para não provocar ressentimento” (Adorno, 1995b, p. 29). Mas, o próprio Adorno também observou que a tentativa, tão em voga na Alemanha do final da década de 1960, de relacionar a recusa da culpa com a resistência a elaborar o passado poderia muito bem engendrar um clima cultural propício à reincidência da barbárie. Daí a importância de os mecanismos objetivos e subjetivos autoritários serem esclarecidos, pois suas sobrevivências poderiam incitar o reaparecimento de atitudes de barbárie, na forma de manifestações do preconceito delirante e da eliminação física e psicológica daqueles que não partilhariam das ideias e dos objetivos dos membros de um determinado grupo.

A recusa da elaboração do passado se ampara nas condições objetivas da sociedade que se ufana de ter destruído a memória. Ao comentar a frase lapidar de Henry Ford de que a história é uma bobagem, Adorno (1995b, p. 33) relacionou a perda da memória com o desenvolvimento das relações de produção capitalistas, sobretudo ao enfatizar o caráter atemporal das relações de troca, do “igual por igual”. Já Marx observara que, na sedução atemporal do fetiche da mercadoria, encontram-se relações historicamente desiguais e injustas entre os donos dos meios de produção e os que devem vender a força de trabalho para poder sobreviver (Marx, 1984). O “esquecimento” de tais relações injustas e desiguais torna-se condição determinante para o desenvolvimento tanto das relações de produção, quanto das forças produtivas da sociedade capitalista. Assim, “quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação do existente, nisto reflete uma lei objetiva de desenvolvimento” (Adorno, 1995b, p. 33).

Mas Adorno consubstanciou a destruição da memória com a adaptação ao existente num período que antecede a atual forma como a revolução microeletrônica se propaga não só para a esfera do trabalho, como também para as atividades realizadas no chamado tempo livre. Portanto, é chegado o momento de responder à questão sobre a aparente eliminação da semiformação, na sociedade cujo desenvolvimento tecnológico impede que sejam esquecidas quaisquer informações ou imagens. Se a semiformação também pode ser designada como a destruição da memória, de que modo ela poderia sobreviver em tempos nos quais recrudescer cotidianamente o poder da memória digital? Ora, justamente na sociedade em que predomina a perpetuação do presente – por meio da reprodução *ad aeternum* das imagens e das informações, tal como o próprio Schönberger anteriormente observou –, realiza-se

o paradoxo de que, se tudo pode ser lembrado, é porque se desenvolveram outras formas de esquecimento.

Diante do fluxo contínuo de informações e imagens, na forma do contato com estímulos audiovisuais em praticamente todas as situações cotidianas, dificulta-se a existência da capacidade de concentração que relaciona as informações tanto no espaço quanto no tempo.

É verdade que os incomensuráveis *links*, as incontáveis ligações entre as informações que se encontram disponíveis nos sítios de busca da Internet podem fazer com que determinado indivíduo acesse conteúdos que jamais imaginara existir. Mas o que parece hoje predominar é o modo como a capacidade de concentração é pulverizada por meio desse mesmo acesso, engendrando o esquecimento dos vínculos históricos entre os conhecimentos e as sociedades que os produziram. Tal como foi dito anteriormente, o aluno, ao encontrar as informações sobre certo assunto, copia-as e imprime-as na forma de um trabalho escrito que será entregue ao professor, sem que se sinta estimulado a pensar e a opinar sobre a bricolagem que fez. Foi observado que também os professores, em muitas ocasiões, autoplagam-se numa espécie de bricolagem dos próprios textos. Portanto, esse ensino do futuro parece já acontecer aqui e agora.

Tais exemplos são ilustrativos do modo como essas informações se perpetuam, sem que sejam organicamente, para fazer uso de um termo gramsciano, modificadas. É nesse sentido que a “distração concentrada” fragmenta a capacidade mnemônica de forma inaudita, caso se compreenda essa capacidade como derivada das relações espaço-temporais presentes no que Adorno conceituou como experiência (*Erfahrung*) e no que Lasch denominou como “senso de continuidade histórica”. A atual sociedade realiza, ultratecnologicamente, a aspiração kantiana, presente na sua *Crítica da razão pura*, de que a sensibilidade temporal, ao lado da espacial, representaria, aprioristicamente, esquemas da percepção humana independentes das contingências relacionadas à experiência sensível. Ou seja, para Kant, a sucessão e a continuidade dos acontecimentos são percebidas porque haveria a forma *a priori* de percebê-las: a sensibilidade temporal se perpetua indefinidamente, a despeito das transformações idiossincráticas dos objetos (Kant, 1991, p. 44).

A memória digital revigora a aspiração de Kant de uma sensibilidade temporal *a priori*. Só que, ao invés da concepção kantiana da percepção de tempo que transcende as condições materiais, e que é controlada pela força do sujeito cognoscente,

na revolução microeletrônica, a perpetuação do tempo é inflacionada por meio das relações de troca do capitalismo transnacional. O mesmo capitalismo que é impulsionado pelo desenvolvimento das atuais forças produtivas, notadamente as de caráter tecnológico. É por isso que, na sociedade, na qual tudo pode ser lembrado, esquece-se tanto do que Lasch denominou como “senso de continuidade histórica”, quanto do que Adorno designou como experiência (*Erfahrung*).

Evidentemente, nesse contexto histórico, no qual a chamada distração concentrada se hegemoniza, também se atualiza o que Adorno denominou como “semiformação”. A atual conquista do espírito pelo caráter do fetiche da mercadoria se revitaliza pela forma como os conceitos se afastam da possibilidade de sensibilizar aquele que os apreende para que se sinta exortado a transformar sua própria prática formativa. Por meio de um clique de *mouse*, as pessoas podem contactar todos os momentos nos quais Adorno e Horkheimer, em suas obras, mencionaram a palavra “preconceito”, mas isso não implica, necessariamente, que se sentirão instigados a rever suas práticas preconceituosas. Hoje em dia, o estado informativo pontual e desconectado parece preponderar justamente quando as pessoas se encontram cada vez mais “conectadas” entre si. Aliás, o uso cotidiano e frequente de tais termos de origem computacional diz muito sobre o modo como a vergonha prometeica também se atualiza, principalmente quanto ao desejo de equivaler as capacidades humanas às dos computadores. A esse respeito, Le Breton afirmou o seguinte:

Agora que o computador tem uma “memória”, surge a pergunta se o cérebro humano é capaz de “estocar” tantas “informações” quanto ele. Ao mesmo tempo em que o vocabulário humaniza a máquina, por um movimento recíproco o homem mecaniza-se: estamos bem “formatados” para um emprego ou para uma tarefa. Estamos “conectados” pois integramos uma informação, um equívoco em um raciocínio, ou um gesto em uma palavra desastrada de alguém é percebido como um *bug* ou “erro de programação”. (Le Breton, 2011, p. 154, grifo do autor).

Diante desse quadro, Schönberger propõe a seguinte solução: os computadores poderiam ser programados para que, depois de certo tempo, as informações armazenadas fossem automaticamente deletadas, de tal modo que a capacidade humana de esquecer poderia ser revivescida mediante esse procedimento (Schönberger, 2009,



p. 171). Entende-se essa preocupação de Schönberger, sobretudo quando esse mesmo autor assevera que a consequência de a memória digital predominar sobre a humana é a perda da confiança da capacidade humana de lembrar o passado, pois, uma vez que o passado permanece sempre igual, preciso e constante, por meio de sua presentificação perpétua na forma de imagens e informações, ocorre o desinteresse em modificar o modo como esse passado se presentifica.

É interessante observar as diferenças das palavras empregadas quanto ao trato com o passado. Schönberger afirma a importância de se *lembrar* dos acontecimentos do passado; já Adorno reitera a importância do passado ser *elaborado*. A diferença entre ambos os verbos também pode ser observada nas propostas de tais autores. Schönberger propugna uma solução técnica bastante discutível, pois quem seria encarregado de selecionar as informações que seriam deletadas? Quais seriam essas informações? Que tipos de critérios seriam escolhidos para que certas informações fossem deletadas e outras não? A dificuldade de encontrar respostas para tais questões reorienta o raciocínio para a necessidade de se distinguir os significados das palavras “lembrar” e “elaborar”, sobretudo quando se considera a relação entre a elaboração do passado e a formação cultural.

## Conclusão

Quando Adorno optou pela expressão “elaborar o passado”, não se tratou de uma escolha feita ao acaso. Elaborar o passado não significa simplesmente lembrar seus acontecimentos de forma tecnicamente livresca. Elaborar o passado implica a relevância de rememorar o que aconteceu, de tal modo que o indivíduo do presente se sinta estimulado a esclarecê-lo e, assim, a projetar outro futuro. É por isso que a formação cultural, como contraponto ao atual processo semiformal hegemônico, só pode ser adquirida mediante o interesse do indivíduo, e não pela mera frequência a determinados cursos nas escolas. Foi por meio dessa premissa que Adorno definiu a formação cultural como correspondente “[...] à disposição aberta, à capacidade de se abrir a elementos do espírito, apropriando-os de modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender, conforme prescreve um clichê insuportável”. (Adorno, 1995a, p. 64).

Seguindo essa linha de raciocínio, quando o passado é elaborado de maneira a promover a presença desse tipo de formação cultural, então se fortalecem os elementos constituidores da identidade do eu. No livro de sugestivo título *A antiguidade do*

*homem*, Günther Anders apresentou o caso do homem tomando banho de sol, que é extremamente atual para a compreensão da forma como tal identidade se fragmenta em vários pedaços por meio do consumo da torrente de estímulos audiovisuais. Trata-se de um homem tomando um banho de sol, aparentemente em paz consigo próprio. Mas, enquanto o sol lhe bronzeia as costas, seus olhos estão fixados nas ilustrações das páginas de uma revista, seus ouvidos “se concentram” na narração frenética de um jogo esportivo e seus dentes mascam incessantemente uma goma. Para Anders,

Se aqui ainda se pode falar de “sujeito” ou “sujeitos”, os termos têm que se referir aos seus órgãos: aos olhos que se detêm sobre as fotos; aos ouvidos que se detêm sobre os jogos esportivos; aos dentes que se detêm sobre a goma de mascar [...] Seu trabalho acostumou-o tão definitivamente a *ser* ocupado, ou seja, a ser dependente, que, quando o trabalho acaba, não consegue estar à altura da tarefa de ocupar de si próprio. E, assim, [...] decompõe-se em funções separadas, já que ele mesmo não atua como elemento organizador (Anders, 2002, p. 138-139, grifo do autor).

Essa imagem do homem tomando banho de sol é atualíssima para que se possa compreender o modo como o indivíduo dificilmente consegue se concentrar num determinado conteúdo, a ponto de transformá-lo no lastro de sua reflexão crítica. Em tempos de distração concentrada, também tal indivíduo se decompõe em funções separadas, de tal maneira que, raramente, atua como elemento organizador das centenas de estímulos audiovisuais que recebe no cotidiano, tanto nas relações de trabalho, quanto fora delas.

Na sociedade da chamada “revolução microeletrônica”, cuja produção de informações e imagens já suscita o afastamento do material de origem, tal como bem observou Schönberger, torna-se cada vez mais difícil fazer com que sobreviva a formação cultural compreendida como condição de sensibilização histórico-crítica do indivíduo. E tal dificuldade se dissemina no ritmo alucinante das realidades externas que são virtualmente criadas para satisfazer desejos e aspirações internas, uma vez que o indivíduo se impacienta com “realidades que não gratificam nossos impulsos ou satisfazem nossa imagem de realidade”. (Siegel, 2009, p.18).

Nunca foi tão aceita a expressão de Henry Ford de que história é bobagem, tal

como nos tempos hodiernos, nos quais as realidades que contam são aquelas que se materializam virtualmente nas telas dos computadores e se “objetivam” como projeções imediatas de anseios. Mas, como contraponto à forma pela qual a semiformação se atualiza, – principalmente por meio da produção e reprodução de informações efêmeras que são, tal qual uma colcha de retalhos, reunidas pela bricolagem virtual –, é relevante rememorar a ideia de Adorno, já destacada por Marx (1986, p. 126), de que é preciso educar os educadores, haja vista o fato de que: “no fundo, tudo dependerá do modo pelo qual o passado será referido no presente; se permanecermos no simples remorso ou se resistirmos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível. Naturalmente, para isso será necessária uma educação dos educadores” (Adorno, 1995b, p. 46).

De acordo com essa linha de raciocínio, torna-se cada vez mais decisiva a atitude do professor que aguça, por meio das relações historicamente estabelecidas entre as informações e as imagens armazenadas pela memória digital, a reflexão crítica do aluno. No que diz respeito à formação cultural, o passado se referirá ao presente quando a memorização do que aconteceu for utilizada, mediante o emprego da tecnologia digital, para contestar a força do panóptico temporal e da distração concentrada. Assim a memória digital poderá auxiliar a ressignificação da vida de uma forma demasiadamente humana, ou seja, de um modo que permitirá ouvir os ecos das vozes emudecidas que ainda resistem à presença do pensamento estereotipado e do preconceito delirante, tanto dentro quanto fora das escolas.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. A filosofia e os professores. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a. p. 51-74.
- ADORNO, T. W. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b. p. 29-49.
- ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A. S.; LASTÓRIA, L. A. C. B. (Org.). *Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2010. 250p.
- ANDERS, G. *Die Antiquiertheit des Menschen I*. München: C. H. Beck, 2002.
- ARAÚJO, G. Professora da Bahia é demitida após vídeo sensual cair na web, diz advogado. *Portal G1*. São Paulo, 28 ago. 2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/o,,MUL1284085-5598,00.html>. Acesso em: 09 mar. 2012.
- BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. *Obras Escolhidas*. v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DESCARTES, R. *As paixões da alma*. São Paulo: Abril, 1973. (Os pensadores).
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Nova cultural, 1991.
- KANT, I. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento? In: Kant, I. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KEHL, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- LASCH, C. *The culture of narcissism: american life in an age of diminishing expectations*. New York: W.W. Norton & Company, 1979.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus, 2011.
- MARX, K. Fetichismo e reificação. In: Ianni, O. (Org.). *Marx*. São Paulo: Ática, 1984. (Grandes cientistas sociais).
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SCHANK, P.; KRAJCIK, J.; YUNKER, M. Can nanoscience be a catalyst for educational reform? In: ALLHOF, F. et al. (Org.). *Nanoethics – the ethical and social implications of nanotechnology*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2007. p. 277-290.

SCHÖNBERGER, V. M. *Delete: the virtue of forgetting in the digital age*. Princeton: Princeton University Press, 2009.

SIEGEL, L. *Against the machine: how the web is reshaping culture and commerce – and why it matters*. New York: Spiegel & Grau, 2009.

SILVA, R. Europeus criam o menor chip orgânico do mundo. *Portal Home News*. São Paulo, 9 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.homenews.com.br/article.php?sid=1603>> Acesso em: 10 mar. 2012.

STEINER, G. *Lições dos mestres*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

*Submetido à publicação em 11 de maio de 2012.*

*Aprovado em 01 de outubro de 2012.*

